

# CORREIO BRAZILEIRO

Brasília, quinta-feira, 29 de junho de 1972

## A primeira geração em Brasília

Texto de Paulo Dantas  
Reportagem de Maria Valdira  
Fotos de Joaquim Firmino

Experiência pioneira, de excelentes resultados, a Escola Parque se fundou em Brasília no ano de 1960. Nela, as crianças complementam a educação recebida na Escola-Classe, desenvolvendo suas aptidões no terreno das artes industriais e das artes plásticas. Praticam esportes e recreação. Fazem teatro. Estudam música. Lá se iniciam em suas futuras profissões. Espetáculo bonito de se ver é o de crianças ocupadas em modelar figuras no barro, no gesso, exercitar a agilidade de suas mãos nas engrenagens de um tear. A par disso tudo, há o convívio, o contato permanente, a aprendizagem da vida em equipe. Daí nasce o respeito pelo direito de cada um. Com apenas doze anos de funcionamento na Capital, a Escola Parque já pode servir de laboratório para observação de suas finalidades. Ao que tudo indica, o alcance de suas metas se constitui êxito incontestável. Algumas crianças que se iniciaram, a partir de 60, na Escola Parque, estão hoje na Universidade, no mais diferentes cursos, ao mesmo tempo, tomando parte ativa, com seu trabalho na vida da cidade.

Saber querer é uma qualidade que se lhes afiora ao primeiro contato. Eles são alegres, de uma alegria sã, o que os franceses chamam de "joie de vivre". São cordatos, isto, como acentua Angélio Massarotto, nos ficou dos primeiros tempos de Brasília quando a população parecia pertencer a uma só família. São, sobretudo, desinibidos. Abertos ao contato, adoram um "pla". Falam da cidade, da vida, das coisas da vida, de si mesmos e dos outros, com tranquilidade realista. Por dentro da onda - em geral, na Universidade, usam calças "Lee", sacolas enormes, cabelos grandes - rapazes e moças têm, ao mesmo tempo entusiasmo e aguda percepção do que ocorre à sua volta. Podem parecer "desligados", como manda o figurino atual. Mas, não são. Estão "ligadíssimos". Estão na deles". Na deles, que é viver a vida intensamente, estudar para valer, pesquisar, saber o miolo das coisas, divertir-se, alargar horizontes, pensar por si mesmos.



Anete Vidal: o sistema educacional do DF dá à criança visão mais ampla das coisas e do mundo

Observando-os - nós, os da geração passada - sentimos uma inveja terrível de sua maneira de viver. Livres e cômicos de suas responsabilidades. Com direito de opção. Com a responsabilidade de ter escolhido. E sabem disso. E gostam disso. E se dão bem com isso, o que é mais importante. "Você seguiria a carreira que seus pais lhe impusessem, Wilton?" "Eu sigo aquilo para que tenho vocação e que me agrada. Corta essa". Cortal. Sai de fininho e me puxa a olhar o bando saudável que se dispersava, em busca das salas de aula, dos laboratórios, dos ateliês. Estão por volta dos vinte anos. Embora não nascidos aqui sua formação se desenvolveu toda na cidade nova. Chegaram pequeninos. Aqui aprenderam as primeiras letras, o be-a-bá-lam à escola-classe e à escola-parque. Esta, então, era um "tremendo barato". Agora, eles já estão na universidade. Parece incrível, mas é verdade. Eles se prepararam para assumir as lideranças. São os jovens da primeira geração de Brasília.

Quem levantou a bandeira foi Dona Yvone Felipe, primeira e até hoje diretora da Escola-Parque, a primeira e, infelizmente, única escola no gênero que iniciou em Brasília uma experiência pioneira, que tem dado excelentes resultados. Pois, não é verdade que dezenas e dezenas de garotos que a frequentaram durante o curso primário, já estão fazendo Universidade, trabalhando, constroem suas vidas e, vários deles, até mesmo se casaram! Quando iniciamos nossa busca, a maioria não acreditava no êxito da missão. E diziam: é impossível, não deu tempo. Mas, essa juventude não dorme no ponto. Como sua cidade, caminha com botas de sete léguas. Tanto deus tempo, que tem um, por exemplo, 9

Universidade de Brasília, em Comunicação. Trabalha no Itamaraty, foi uma das aprovadas no último concurso (mais de 5 mil candidatos). Antes, era professora primária. Ela nos conta da satisfação experimentada ao voltar à sua escola-classe, a 107, então como professora. E qual não foi a emoção por encontrar lá a mesma diretora de seus tempos de aluna, Dona Lydia Diglio Cardoso. Aluna de Lígia, Lílian, é também ex-aluna da Escola-Parque e faz o 3o. ano de Direito, na UnB.

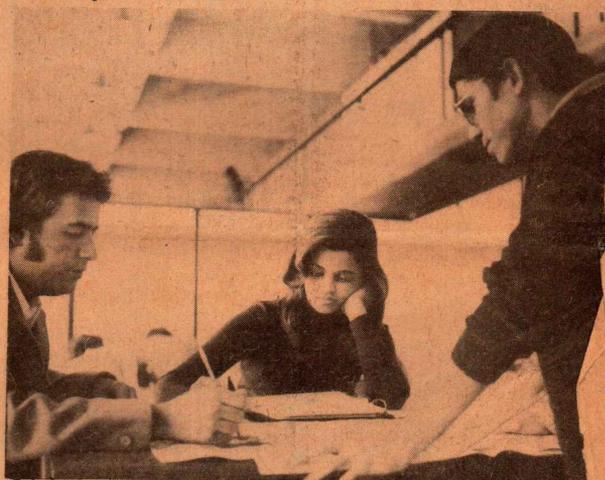
Para José Pena Lacombe, aluno do 2o. semestre de Economia, a desinibição é das principais contribuições educativas que a Escola-Parque proporciona à criança. "Eu aprendi a me comunicar mais facilmente". Apesar de ser um dos treze filhos do casal Ordina-Victor Lacombe, (deputado gente, moravam em dois apartamentos), José sentia certa dificuldade de se comunicar. Mas, não foi só neste aspecto a boa influência do ensino recebido. Significou muito em artes, principalmente no teatro, diz ele, hoje, com 24 anos e bom papo, sem nenhuma inibição. Morena, cabelos pretos, carota, 21 anos de idade, Célia De Nadei da Silva se forma, no próximo mês, em Comunicação. Estudada na UnB. Como boa reporter que pretende ser, Célia facilitou nosso papo e passou de entrevistada a entrevistadora. Querria saber como descobrimos as pistas, queria notícias de outras colegas, queria saber como seria feita a reportagem. Dá a pouco, o telefone toca. É Célia. "Ola, é pra te dar umas dicas. Eu acho que o Hélio Doyle, do 'Estadão' também foi minha colega na Escola Parque. E teve outro, o José Machado, que, na Escola-Classe 308, foi eleito presidente do nosso diretório-mirim, qualquer coisa neste sentido. Me



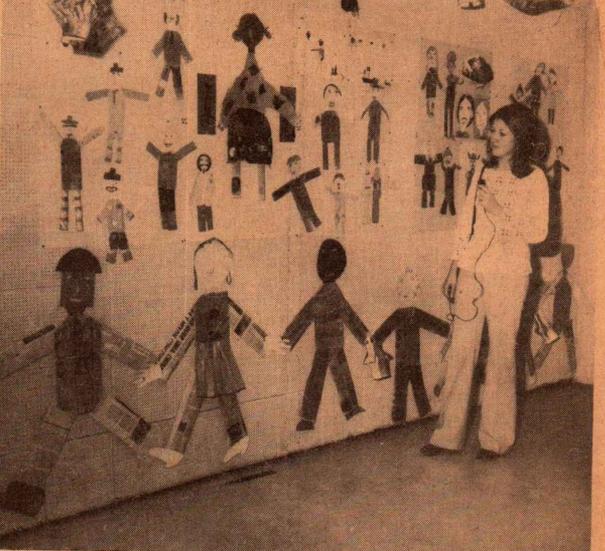
Suzana Pimenta Ramos, aluna do 3º ano de Arquitetura, na UnB



Tânia Mara, Anete e Suzana: o bom filho à casa volta. O papo na Escola-Parque é gravado para recordações futuras



**Lígia Figueiras de Almeida faz Comunicação, termina o curso no próximo mês**



**Tânia Mara, 2º semestre de Arquitetura: achava o estudo, no primário, uma delícia, sobretudo por causa das atividades extra-curriculares**



**De volta à Escola-Parque, elas reencontraram as antigas mestras, Yvone Felipe e Lydia Cardoso (diretora da 107), recordando os bons tempos**



**Wilton Santos (3º ano de Direito) e Angelo Massarotto (5º semestre de Medicina): nesse disposição**

guas. Tanto de tempo, quanto um, por exemplo, o Evandro Barreira Millet, que já se formou em Matemática e está fazendo Informática na PUC. E foi aluno da Escola-Parque.

Anete de Castro Vidal, carioca de 23 anos, é brasileira de corações e formação (todos os outros o são também, não é preciso repetir). Os cabelos claros, olhos verdes, muito fina de gestos e palavras, Anete tem grande facilidade de expressão. E gosta de lembrar os tempos que a trouxeram para Brasília, e que foi o ano de 1960, quando tinha apenas onze anos de idade. Estudou primeiro na Escola-Classe 108 e depois na 107. Ao mesmo tempo, frequentava a Escola-Parque. "A gente ia mais na Escola-Classe porque tinha certeza da Escola-Parque, de tarde. Era delicioso. Eu adorava". Para Anete, a Escola-Parque significou um montão de coisas boas: aguçamento da percepção, liberdade de escolha, a não fuga, o convívio sadio com crianças de ambos os sexos. Explica que a formação recebida permitiu-lhe fugir da obrigatoriedade de fazer o curso normal, como o pai queria (todo pai anseia que sua filha faça o normal, se case e tenha filhos) e escolher uma carreira condizente com suas aptidões e capaz de lhe dar satisfação interior. Ela escolheu o curso de Psicologia, faz hoje o 3o. ano no CEUB. De dia, trabalha na Editora Abril. Está pensando em casar, no próximo ano, é noiva. O ensino em Brasília, com este sistema de Escola-Parque diz Anete, dá à criança visão mais ampla do mundo.

A época, eu já sentia a diferença, comparando com estudantes de outros lugares. Nós nos comportávamos, com relação ao outro sexo, como bons amigos e aprendíamos a ver no outro o companheiro de estudo e de trabalho. Juntos, fazíamos, por exemplo, teclagem ("não posso jamais esquecer a emoção de trabalhar num tear de verdade"), trabalhos com cerâmica, couro, metal; fazíamos teatro, ginástica de solo, nadávamos, uma belezinha.

"Achava o estudo divertido porque havia trabalhos manuais e todas aquelas atividades extra-curriculares que desenvolviam nossas aptidões e nos ajudaram mais tarde, na escolha da profissão". Quem fala assim é Tânia Mara Franco de Carvalho. Vinte anos de idade, paulista. Veio para Brasília em agosto de 61. Curso a Escola-Classe da 108 e nos anos de 61, 62 e 63, a Escola-Parque. Está no segundo semestre de Arquitetura, da Universidade de Brasília. Quando cheguei na Escola-Parque, dentre outras, uma coisa me deixou fascinada: jamais havia visto um tear, achei simplesmente fabuloso. Para Lígia Figueiras de Almeida, o teatro foi o grande motivo de sua assiduidade à escola. A par disso, havia a literatura. Nesse ponto, surge a lembrança de Dona Branca, a professora de literatura, que cultivou nos alunos o bom gosto literário. Com 22 anos de idade, carioca de nascimento, Lígia preconiza a continuação da Escola-Parque (do sistema) no ginásio, no curso secundário. "Agora, com a Reforma do Ensino, creio ser isto o que vai

nosso diretório-mirim, qualquer coisa neste sentido. Me lembro que foi divertido à beça". Wilson Santos e Angelo Massarotto Neto atendendo nossa solicitação, vêm à redação do jornal. Sete e meia da manhã, eles estão firmes, a postos, aguardando nossa chegada. Ao nosso pedido de desculpa por fazê-los se deslocarem tão cedo e para tão longe, respondem, num sorriso: "Faz parte do nosso espírito de brasilidade. É um prazer". Wilton é mineiro, uai, de Uberlândia. Tem 21 anos, tinha nove quando chegou em Brasília. Ele estudou, primeiro, na escolinha da Quadra 33, na W/3 (agora é 712), que em 1960 se chamava Centro Educacional Nossa Senhora do Rosário, dirigida pela Madre Jacinta. No ano seguinte, foi para a Escola-Classe 108 quando passou a integrar a primeira turma (que começara em 60) da Escola-Parque. "A Escola-Parque é muito importante porque suscita em nós profundo respeito pelas atividades do companheiro e nos dá noção construtiva do trabalho de equipe", afirma Wilton. Em seguida, explica como o ensino brasileiro incentiva o poder criativo da criança, o que vai refletir-se mais tarde na tarefa de escolher a profissão certa. "Gosto muito de falar, de discutir, adoro o debate. Por isso escolhi uma carreira que depende essencialmente do bom uso da palavra". Wilton Santos é aluno do CEUB, faz o 4o. semestre de Direito.

"O que mais me seduziu, na educação que recebi aqui foi o oferecimento de muitas opções". Estudante de Medicina (5o. semestre), Angelo Massarotto Neto, um rapaz alto, magro, tranquilo, tem 21 anos. Casado. Casou em março deste ano. Quando mencionamos a Escola-Parque, assobiou. Um assobio longo. "Ih, que saudades tenho dela", desabafou. "Foi uma das coisas mais espetaculares que já vi". E passou a falar das atividades que praticou lá, das professoras que teve, dos colegas que tomaram rumos diferentes, todos (dos que se lembra) bem encaminhados na vida. Das artes industriais, gostava mais de trabalhar com metal. Ai o Wilton entra e aparteia: "Você se lembra daquele avental engraçado, com um bolso grande, na frente, que a gente usava para trabalhar com metal? Será que ainda usam aquilo por lá? Eu gostava paca de usá-lo, apesar de muito feio". Angelo observa o pioneirismo da experiência educacional que se faz em Brasília. "Naquela época, me lembro bem, eu chegava em casa, falava dos meus trabalhos de cerâmica, meus pais nem despertavam pro assunto. Não lhes atingia a cuca. Era coisa absolutamente nova, menino mexendo com barro na escola". Angelo chegou em Brasília com seis anos. Veio de São Paulo, em 1957.

Reunidos, eles recordam outros colegas ausentes: o José Ricardo, quarto ano de Engenharia, o Carlos Alberto Tanezini, da Biologia, Marina Rabelo, Medicina; o Rubão, o Evandro (este era o "gênio" da turma), Suzana Pimenta Ramos, que está cursando o terceiro ano de Arquitetura, etc. Da festa da...